

Um estudo sobre processos de aprendizagem musical de integrantes da Banda Sinai, da Igreja A Família de Deus, de Bagé/RS

GTE 24- Sociologia da educação musical

Comunicação

*Simone Rodrigues da Silva
Universidade Federal do Pampa
simoneesteeotempo@gmail.com*

Resumo: Nesta comunicação é descrita a pesquisa realizada em meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa, onde busquei compreender as aprendizagens músico-vocais dos integrantes da Banda Sinai da Igreja A Família de Deus, da cidade de Bagé-RS.

Palavras-chave: Educação musical, Prática músico-vocal, Banda.

Introdução

Meu primeiro contato com a música foi em casa com meus pais e meu irmão mais velho, meu pai ao acordar já ligava o rádio em seus programas de músicas tradicionalistas, com letras, que por diversas vezes, o emocionavam. Minha mãe cantarolava músicas aprendidas no coro da escola católica em que estudou, e meu irmão tocava sua gaita no quarto, fazendo aquele som ecoar pela casa. Aos quinze anos de idade conheci a igreja Pentecostal A Família de Deus, um local permeado por práticas musicais, e eu, que sempre gostei de cantar, mas era tímida, entrei para o coro. Para mim seria a possibilidade de desenvolver a prática de cantar que eu amava tanto, sem ser percebida, por estar em meio aos demais cantores do grupo. Porém não foi bem assim, algum tempo mais tarde, fui convidada a fazer parte de uma das bandas da igreja, onde canto até hoje, e vinte anos depois tornei-me regente do coro. As minhas próprias práticas musicais na igreja levaram-me a buscar compreender as aprendizagens músico-vocais dos integrantes de uma das quatro bandas atuantes na instituição. Como ocorreu o primeiro contato de cada um com seu instrumento e/ou voz e principalmente como aprendem de forma individual e coletiva, também como escolhem seu repertório e realizam seus ensaios. Optei pela pesquisa

qualitativa, que busca explicar a vida cotidiana por meio de conceitos existentes ou emergentes (novos conceitos). Para Minayo, Deslandes e Gomes (2007) a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Yin (2010) menciona algumas características necessárias ao pesquisador qualitativo; dentre elas, a capacidade reflexiva, a necessidade de tornar-se observador, ouvinte e desenvolver a sensibilidade para saber agir a fim de fazer descobertas e instigar o/a colaborador(a) a revelar mais sobre o seu mundo, de forma espontânea. O autor destaca cinco características da pesquisa qualitativa:

1. estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real; 2. representar as opiniões e perspectivas das pessoas de um estudo; 3. abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; 4. contribuir com as revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; 5. esforçar-se por usar várias fontes de evidência ao invés de se basear em uma única fonte. (YIN, 2010, p. 7)

Realizei a coleta de dados através de duas entrevistas semi-estruturadas e observações dos ensaios, a primeira entrevista apenas com o líder da banda e uma das backing vocal, sua esposa, e a segunda com os demais cantores e músicos, exceto dois deles, que não puderam comparecer na data marcada. Autores da sociologia da educação musical foram trazidos para iluminar os dados. Para Minayo, Deslandes e Gomes (2017), a entrevista semi-estruturada “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”, ou seja, deve caracterizar-se como um diálogo aberto, onde, segundo Bodgan e Biklen (1994, p. 135), “o entrevistador encoraja o sujeito a falar sobre uma área de interesse e, em seguida, explora-a mais profundamente retomando os tópicos e os temas que o respondente iniciou” (BODGAN; BIKLEN, 1991, p. 135). Resultados da pesquisa revelaram que as mídias eletrônicas estão presentes na aprendizagem tanto instrumental, quanto vocal dos integrantes da banda, que dividem o ensaio em duas etapas, primeiro pelo WhatsApp onde o repertório é apresentado e selecionado, dando início ao processo de escuta, análise e repetição. Segundo quando os integrantes se encontram para os ajustes finais nas canções. Neste momento são feitas as adequações aos tipos de instrumentos musicais que tocam e às vozes dos cantores, conforme suas extensões vocais.

A Banda Sinai

O grupo desenvolve seu trabalho na igreja, com o mesmo líder, há um tempo aproximado de dez anos. São sete integrantes, que tiveram sua aprendizagem musical dentro da igreja ou estimulados por familiares, mas, mesmo assim, na intenção de que atuassem neste ambiente religioso. Suas práticas musicais ocorrem exclusivamente na igreja ou em eventos religiosos evangélicos, pois acreditam que seu fazer musical tem a função de louvar a Deus, e se consideram ministros de louvor. Reck explica que:

A utilização do termo ministro reflete a ideia de um poder investido por Deus para a realização de uma missão em que o músico se compromete integralmente. Ao ministro não basta apenas se apresentar musicalmente, ou seja, 'tocar', mas sim adorar e louvar. (RECK, 2011, p. 93)

O autor afirma que um ministro se difere de outros artistas pelo fato de usar o palco não apenas para fazer uma apresentação de suas habilidades musicais, mas antes para levar a igreja a louvar juntamente com ele. O ato de levar as pessoas a cantar junto com a banda é o que caracteriza um ministro de louvor, termo que se percebe repetidas vezes nas falas dos entrevistados.

A escolha do repertório musical

São sete músicos, cada um com seus gostos musicais que, embora sigam uma mesma linhagem religiosa, têm, ainda assim, diversos gêneros musicais como opção. Segundo os entrevistados, todos dão sugestão de repertório musical. Durante o momento dos louvores, as letras são projetadas para que o público presente possa acompanhá-las. Dessa forma, as músicas precisam ser escolhidas pelo grupo com antecedência. As sugestões de repertório são compartilhadas através do WhatsApp (plataforma digital de compartilhamento de mensagens de forma instantânea pelo celular) e, no momento do ensaio, são selecionadas aquelas que serão tocadas no dia da apresentação. Essa seleção envolve, para a banda, alguns requisitos, tais como a dificuldade que os instrumentistas terão para tocar a peça, por esta ser complexa para eles ou para os cantores. Por estas questões, existe uma necessidade de adequação a cada música escolhida para compor o repertório. A voz é uma das maiores preocupações do líder da banda. Durante a entrevista, este trata diversas vezes da parte vocal como aquela com a maior necessidade de adequação, o que implica diretamente a escolha do repertório. Nas

apresentações da banda, nem sempre é o líder que faz a interlocução entre uma música e outra. Este momento de fala entre as canções é chamado ministração. Os termos ministrar, ou ministração, que encontramos repetidas vezes nas falas dos entrevistados, é explicado por Reck (2011) como o momento em que “o músico não apenas presta uma homenagem a Deus, mas se entrega, para que através dele possa fluir a bênção do Espírito Santo sobre as pessoas” (RECK, 2011, p. 95). Então, a escolha do repertório está ligada, também, ao cantor responsável pela ministração da música. Para Micael, essa canção precisa adequar-se à voz deste cantor: “Isso depende de quem vai ministrar... muito de quem vai ministrar. O tom das músicas vai ser basicamente de quem vai ministrar, de quem tá ministrando. Depende da extensão vocal de cada um” (MICAEL, 2019).

Práticas musicais dos integrantes da banda

As mídias

As mídias aparecem como ferramentas de aprendizagens musicais. Elas são utilizadas desde o momento da escolha do repertório, quando os integrantes da banda compartilham suas sugestões musicais através do aplicativo para celular WhatsApp. Ali, os integrantes da banda começam o aprendizado de uma nova canção ou passam a conhecer o gosto musical dos companheiros de grupo. Essa ferramenta otimiza o tempo até mesmo dos ensaios. A maioria dos entrevistados alegou falta de tempo com os afazeres do dia-a-dia, emprego, escola, família. Além disso, com os eventos da igreja. Assim, o WhatsApp propicia uma troca de informações que, pessoalmente, se tornaria mais difícil ou que ficariam esquecidas pela demora em se encontrarem. Ainda com relação ao aprendizado, todos citam o Youtube, que é uma plataforma digital de compartilhamento de vídeos, e onde podem ser encontradas filmagens dos mais diversos conteúdos e, portanto, também de conteúdos musicais. Há desde vídeo-aulas ensinando a tocar um instrumento até técnicas de canto, por exemplo. Quando cheguei ao local da entrevista, inclusive, os entrevistados estavam assistindo, no Youtube, o vídeo do show do cantor Mauro Henrique (cantor, multi-instrumentista e produtor musical, mais conhecido pelo seu trabalho como cantor da Banda Oficina G3), que ficou durante todo o tempo da entrevista como música de fundo, durante a conversa. Todos, sem exceção, citam o Youtube como ferramenta de aprendizagem. Élder comenta que começou a estudar o aparelho fonador assistindo vídeos e descobriu a necessidade de hidratar as pregas vocais:

“Eu comecei agora a trabalhar a corda vocal; eu tô utilizando nebulização, eu tô vendo os vídeos, como, ali, trabalhar melhor, umidificar, deixar mais tranquila a voz. Recém tô começando a compreender esse meio mais teórico. Então, eu vejo que é o início, para tentar agregar mais conhecimento”. Um dos motivos que faz com que busquem este recurso midiático é a falta de tempo. Élder chegou a ingressar no curso de licenciatura em música, no ano anterior ao meu ingresso, porém, precisou trancar a matrícula por não conseguir conciliar os horários do curso com os do seu trabalho. O Youtube, porém, está disponível à hora que o indivíduo conseguir acessar, permitindo, também, pausar o vídeo e dar sequência na hora em que tiver disponibilidade e por quantas vezes achar necessário, bem como pular conteúdos que considere desinteressantes. Schmeling (2005), citando Souza (2000), salienta que “o computador e as novas tecnologias “acabam criando uma temporalidade única, assentada na veiculação intermitente de informações”. Assim, por exemplo, pela internet, as pessoas podem procurar um assunto que lhes interessa. Essa mídia diferencia-se dos meios tradicionais por sua interatividade efetiva (SOUZA, 2000 p. 49, *apud* SCHMELING, 2005, p. 26). Corrêa (2008), de forma semelhante, destaca que a internet é uma fonte de aprendizagem que pode ser acessada sem custo financeiro e ainda oportuniza comparar conteúdos e escolher o que lhe for mais útil naquele momento (CORRÊA, 2008, p. 36). Quando acessamos o Youtube e digitamos um tema para pesquisa, abrem-se novas opções de vídeos que tratam do mesmo assunto ou semelhantes. Abre-se uma biblioteca virtual. Laura usa o mesmo processo de aprendizagem para cantar: “Eu também faço isso que o Élder falou e procuro escutar. Eu assisto bastante vídeo, pesquiso e tento copiar uma segunda voz” (LAURA, 2019). Os instrumentistas Ezequiel e Maicon fazem, da mesma forma, uso do Youtube como ferramenta de aprendizagem. As mídias acompanham todas as ações da banda e, no que diz respeito ao aperfeiçoamento, segue presente. Maicon traz, mais uma vez, o Youtube como auxílio no aprendizado: “Da minha parte, eu procuro olhar vídeo também. Aprender, mas não muito teórico, eu sou mais prático” (MAICON, 2019). Élder, da mesma forma, trabalha a voz assistindo vídeos, porém vê necessidade em buscar aperfeiçoamento: “Eu vejo assim, como a gente falou, né? A gente consegue fazer uma música legal, mas imagina se nós tivéssemos um conhecimento teórico! Em cima do que a gente já consegue fazer, seria muito melhor, eu acho, né? Pelo menos é o que eu entendo, é o que dá pra se entender, pela essência da música, do conhecimento, é o que eu vejo, assim (ÉLDER, 2019). Laura traz o aprendizado adquirido no projeto de práticas vocais coletivas, aberto à comunidade interna e externa da

Universidade Federal do Pampa: “Ah, eu vou fazer propaganda do Baque [do Pampa]... eu estou gostando muito de participar do Baque, que ensina bastante, principalmente em aquecimento, que a gente não tem nenhum. Ficava louca de dor de garganta. Então, eu gostei muito! (LAURA, 2019).

Ouvir e adequar

As palavras ouvir e adequar se repetem na fala de todos os entrevistados, várias vezes. Principalmente os cantores que dizem usar como técnica de aprendizagem o processo de escuta e imitação vocal, processo esse que exige, na maioria das vezes, essa adequação. Lacorte e Galvão (2011) abordam a categorização feita por Green (2000) das três diferentes formas de se escutar uma canção: escuta intencional, escuta atenta e escuta distraída. A escuta intencional tem por objetivo a aprendizagem. É por esse meio que se busca apreender algo para colocar em uso após a experiência. Esse é o tipo de audição que o músico emprega, por exemplo, aprendendo a tocar uma cópia exata ou cover de uma canção. Dessa maneira, na música popular, ele cria ou reproduz um tipo de notação mental ou escrita da harmonia, da forma e de outras propriedades da canção, por meio da qual ele poderá colocar em ordem o seu aprendizado para estar disponível em outro contexto ou na tarefa analítica de exercícios. A escuta atenta pode envolver a audição no mesmo nível de detalhamento da escuta intencional, sem um objetivo específico de aprendizagem. Não tem por intenção algo como saber tocar, lembrar, comparar ou descrever as propriedades da música posteriormente. A escuta distraída refere-se a momentos nos quais a música está sendo ouvida sem outro objetivo do que diversão ou entretenimento (GREEN, 2000 *apud* LACORTE; GALVÃO, 2011, p. 30) Tanto Laura como Élder revelam que procuram escutar a música já tentando encaixar a própria voz à do intérprete da canção. Caso não seja possível, passam para um segundo passo - o de adequação às suas extensões vocais - que é trocar a tonalidade da música. Conforme Delanno (2000, p. 55), a escolha da tonalidade “vai depender da extensão vocal do cantor (qual a nota mais grave e mais aguda que alcança com conforto) e da extensão da melodia da música”. Como Laura e Élder, Micael desenvolve este mesmo processo, tanto na voz quanto no instrumento. Segundo ele, existem músicas mais difíceis de serem tocadas no instrumento e, por isso, é necessário fazer a mudança de tonalidade da música: “tem músicas complexas, muito acorde, muita quebrada no meio da música, por exemplo. As músicas que são ricas em

arranjos e instrumentos a gente adequa para a nossa realidade” (MICAEL, 2019, ENTREVISTA 2). Micael explica, ainda, que o principal cuidado que a banda tem é com a parte vocal:

A gente procura adequar à nossa realidade, à nossa voz. Por exemplo, como eu digo, quem dita primeiro o tom da música é a voz; depois é que entram os instrumentos. Não são os instrumentistas, que vão dar [ditar a tonalidade]. A original é em sol, e tem que cantar em sol... mas aí a minha voz... o máximo que eu alcanço é em Fá, é em mi... tchê, então vamos de Fá e de Mi! Quem dita a tonalidade é a voz. (MICAEL, 2019)

Esta percepção do líder da banda está ligada ao fato de que ele próprio, além de instrumentista, é também cantor. Eu, particularmente, já acompanhei músicos, dentro da igreja, que não têm essa percepção. O instrumentista escolhia uma tonalidade confortável para tocar, na qual a voz não se encaixava, onde quem o acompanhava precisava cantar ou grave ou agudo demais. No caso de Micael, a prática de cantar há tantos anos fez com que ele adquirisse esse cuidado com a parte vocal. A sua própria experiência como cantor traz esse conhecimento de que os instrumentos são para acompanhamento da voz. A maioria das vezes canta em cultos, onde o momento do louvor dura um tempo aproximado de uma hora, no mínimo uma vez por mês, conforme a banda é escalada, sem contar o período de ensaios. Para um músico que acompanhará a parte vocal com seu instrumento musical, por mais que determinada tonalidade seja difícil de tocar, isso demandará dele mais tempo de ensaio e, no caso de uso prolongado deste instrumento, acarretará, no máximo, a necessidade de manutenção - ou, por pior que seja - na troca deste. A voz, no entanto, não pode ser trocada por outra, ainda mais que os próprios cantores da Sinai admitem que sentem falta de obter mais conhecimento sobre os cuidados vocais e que, algumas vezes, após a ministração, sentem rouquidão e cansaço vocal. Uma das entrevistadas de Schmeling (2005) faz essa comparação entre a parte vocal e a instrumental, considerando que a voz é mais difícil de ser controlada do que um instrumento musical, que pode ser controlado pelos dedos (SCHMELING, 2005, p. 79). Buscando a aprendizagem, os três cantores da banda – Micael, Laura e Élder – fazem das mídias uma ferramenta de aprendizagem, também conscientes dos cuidados com a voz.

O ensaio

Nos ensaios, as aprendizagens musicais de seus integrantes acontecem em dois momentos. O primeiro, individual, ocorre em suas casas, após escolherem o repertório que tocarão nos cultos, através de conversas e sugestões de músicas pelo WhatsApp. Logo depois começam os ensaios em casa, e suas buscas, através das mídias eletrônicas, principalmente o Youtube - site mais citado pelos entrevistados -, no qual ouvem e assistem os vídeos por várias vezes, ouvindo para imitar a parte vocal e instrumental. Durante este momento de ouvir e repetir, começa a adequação, especialmente prezando o cuidado com a voz dos cantores. Para tal, procuram uma tonalidade em que as vozes melhor se adaptem. Para o líder, o cuidado com a voz vem em primeiro lugar e os cantores precisam cantar dentro de suas extensões vocais. Reck (2011), em sua pesquisa, abordou essa adequação feita pelas bandas:

As mudanças na tonalidade, instrumentação e na estrutura constituem uma prática que permite adaptar a música às necessidades e possibilidades do grupo, negando uma reprodução fiel do original. Desloca-se a intenção de reproduzir determinado material sonoro para a reconfiguração desse material e sua execução a partir de aproximações com o original. Nos ensaios, a prática de criar versões abre espaço para a criatividade e a reinvenção, pois possibilita que a banda, o grupo, ou o músico, realize um diálogo entre o que deve, o que pode, e o que quer fazer, sem perder de vista o resultado final. (RECK 2011, p. 121)

O segundo momento dos ensaios é o presencial, onde reúnem-se na igreja ou na casa de um dos integrantes. É aí que testam, no coletivo, as descobertas feitas individualmente: se a voz que fizeram acompanhando o cantor do vídeo combina harmonicamente com a do cantor ou cantora da banda; se as demais adequações funcionam como, por exemplo, a substituição de instrumentos que haviam na canção original e que a banda não possui. Os integrantes da Sinai não têm a preocupação em copiar a música original tal como ela é, porém buscam adaptá-la de forma que “soe bem” ao ouvido, dentro das possibilidades do que podem executar. Quanto à segunda voz, tanto os *backing vocals*, quanto o líder da banda - que também é cantor -, afirmam que criam as vozes ouvindo a primeira voz e buscam encaixar a sua própria voz executando outra linha melódica, até que o que está cantando seja “agradável” aos ouvidos. Não sabem explicar teoricamente essa construção em que as vozes apresentam-se em suas cabeças como um arquivo sonoro que a primeira voz e a tonalidade da canção trazem à tona. É um processo de construção entre o escutar e o executar, entre o escutar e o cantar e cantar de novo até que “soe bem” aos seus ouvidos. Segundo eles, não há uma explicação lógica. Porém, todos os participantes afirmaram que são pesquisadores de

novas ideias sonoras, que buscam conhecer novas técnicas, novas maneiras de cantar e tocar. Buscam nas mídias e, de tanto repeti-las, guardam em suas memórias para, no momento necessário, usarem. São arquivos sonoros que estão internalizados, sem data de entrada, nem origem. Sentem necessidade de aprimorar o que sabem, porém lhes falta tempo, pois nenhum dos entrevistados têm a música como meio de sobrevivência financeira.

Considerações finais

A presente pesquisa revelou, para além da autoaprendizagem por meio das mídias, também o quanto a interação entre os integrantes da banda é formadora. Provavelmente não seja coincidência os instrumentistas, o cantor e a cantora buscarem os mesmos meios para aprendizagem; pode-se inferir que seja algo construído no coletivo, mesmo que de forma inconsciente. Novas pesquisas voltadas para a aprendizagem vocal nas instituições religiosas, com certeza, trarão sua contribuição. Como pesquisadora, percebo que é importante investigar para revelar diferentes maneiras de aprender música. Adentrar no mundo destes músicos exigiu de mim movimentos importantes como o de preparação de um roteiro de questões para a entrevista que provocasse uma aproximação dos entrevistados sobre a temática da aprendizagem musical. Ter o cuidado em deixá-los confortáveis para revelar suas vivências e assegurar-lhes de que toda e qualquer informação dada seria usada para os fins da pesquisa, de forma respeitosa e ética, sem a intenção de apontar erros, mas de conhecer o que envolve suas aprendizagens musicais. Conhecer as especificidades na forma de indivíduos estudarem conteúdos musicais pode fazer-nos refletir sobre novos meios de ensinar música. Os próprios instrumentistas e cantores, ao obterem acesso a trabalhos com esse tipo de abordagem, descobrirão que suas formas de aprendizagens não estão distantes da realidade de vários outros músicos.

Referências

- BODGAN, Robert. BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- DELANNO, Cris. *Mais que nunca é preciso cantar: o novo método de técnica vocal*. Rio de Janeiro: Vitale, 2000.
- FREITAS, Marcus Vinicius. Os diferentes perfis de liderança musical em vinte igrejas evangélicas e suas funções. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15., 2015. Natal. *Anais...* Natal, 2015.
- KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Editora Vozes; Maceió: Edufal, 2013.
- LACORTE, Simone; GALVÃO, Afonso. Processos de aprendizagens de músicos populares: um estudo exploratório. *Revista da Abem*, Porto Alegre 17, 2007.
- MINAYO, Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- NOVO, José Alessandro Dantas Dias. *Educação musical no espaço religioso: um estudo sobre a formação musical na Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.
- RECK, André Müller. *Práticas musicais cotidianas da cultura gospel: um estudo de caso no Ministério de louvor Somos Igreja*. Dissertação (Mestrado em Educação e Artes) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.
- SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SCHMELING, Agnes. *Cantar com as mídias eletrônicas: um estudo de caso com jovens*. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.